



A cultura brasileira

Desenho de J. Carlos. Capa da revista *Para Todos*, anno XI, número 562, de 21 de setembro de 1929

“descobre” o Brasil ou

“Que país é este?!”,  
uma pergunta à cata  
de resposta

EDUARDO DIATAHY B. DE MENEZES

*Neste dia, a boras de véspera, bouemos vista de terra! Primeiramente dum grande monte, muí alto e redondo; e doutras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chã, com grandes arvoredos: ao monte alto o capitão pôs nome — o Monte Pascoal e à terra — a Terra da Vera Cruz. (...) Esta terra, Senhor, me parece que da ponta que mais contra o sul vimos até outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste porto bouemos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas por costa. (...) Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa.*

***Pero Vaz de Caminha (1500)***

*Enfim, esta terra parece já um novo Portugal.*  
***Fernão Cardim (1585)***

*O Estado do Brasil, Províncias de Santa Cruz, é a parte oriental do Peru povoada na costa do mar Etíópico, e repartida em partes a que chamam capitánias, que em tal forma foram servidos os passados reis de Portugal de as encarregar, com largas doações, a certos donatários. Corre a costa de seu distrito desde o rio Mearim ou Maranhão até a boca do rio da Prata ou Paraná como na Carta Geral se mostra.*  
***Livro que da Rezão do Estado do Brasil (1612)***

*Ora, uma organização coletiva da indústria é tão irrealizável... A falta de consumidor aparece à inspeção da população. A classe baixa tinha necessidades muito simples que podiam ser satisfeitas sem que a indústria se organizasse separadamente, isto é, sem que se aperfeiçoasse, pois,... divisão de trabalho e aperfeiçoamento são dois termos extensivos. Quanto à classe superior, era dominada pela emoção de inferioridade a Portugal e considerava suspeito todo o produto brasileiro que não fosse metal, fumo, açúcar e café. Havia pessoas que mandavam afiar as navalhas na Europa. Para estas, mesmo se as nossas manufaturas produzissem objetos superiores em qualidade e barateza aos que vinham de além-mar, estes seriam preferidos.*

**João Capistrano de Abreu**

**"O caráter nacional e as origens do povo brasileiro" (1876)**

*Há uma única economia possível e superior aos nossos cálculos para compor um todo perfeito de partes tão antagônicas. (...) As formas superiores da sociedade devem ser como um contorno congênito a ela e dela inseparável: emergem continuamente das suas necessidades específicas e jamais das escolhas caprichosas. Há, porém, um demônio perverso e pretensioso, que se ocupa em obscurecer aos nossos olhos estas verdades singelas. Inspirados por ele, os homens se vêem diversos do que são e criam novas preferências e repugnâncias. É raro que sejam das boas.*

**Sérgio Buarque de Holanda, Raízes do Brasil (1936)**

*Somos, por tudo isso, uma República Mestiça, étnica e culturalmente; não somos europeus nem "latino-americanos"; fomos tupinizados, africanizados, orientalizados e ocidentalizados. A síntese de tantas antíteses é o produto singular e original que é o Brasil atual.*

**José Honório Rodrigues, Brasil e África (1982)**

## PRELIMINARES

**EDUARDO DIATAHY B. DE MENEZES** é professor titular do DFCS/UFC.

Na verdade, o termo "descobre", no título principal, aí comparece por simetria ou por concessão às reflexões, comemorações e revisões acerca do quinto centenário do descobrimento do Novo Mundo. Eis por que, ao atribuir-lhe significação dúbia no caso de que me ocuparei aqui, vem ele entre aspas.

Com efeito, "descobrir" significa, mais propriamente, retirar a coberta, a tampa, o véu, ou algo que ocultava, velava, etc.; mas também pode significar "resolver, decifrar, evidenciar, identificar, expor, dar a conhecer, tomar consciência", etc. Demais, "descoberta" ou "descobrimto" constituem atos que dizem respeito àquilo que se descobriu ou encontrou por acaso ou mediante busca, pesquisa, observação, dedução, etc. Acontece que, no caso, o "aquilo" que está sendo descoberto consiste em algo não inteiramente constituído, algo *in fieri*, algo histórico; portanto, algo a ser antes construído, fabricado, inventado e, não exatamente, descoberto. Aliás, ao intervir nas discussões acerca da intencionalidade ou do acaso do descobrimento do Brasil, a mestra Carolina Michaëlis de Vasconcelos, entre outros estudiosos, tece considerações filológicas sobre termos que, na *Carta de Caminha*, apontam para um "achamento" deliberado. Por outro lado, "inventar" ou "invenção" consiste no agenciamento ou arranjo de componentes de qualquer ordem de modo a produzir a urdidura de algo material, empírico, real, ou simbólico, teórico, imaginário: isso remete mais diretamente para as criações e recriações no campo das ciências, das técnicas, das artes ou dos universos simbólicos (mito, fabulação, fantasia, imaginação, utopia, ideologia, etc.). Assim, seria mais adequado se o título dissesse: "A Cultura Brasileira *inventa* o Brasil" — pois é bem de invenção ou de construção que se trata.

Ora, sequer conseguimos ainda definir precisamente a origem do nome do país e estabelecer corretamente o patronímico que designaria o seu povo. Aliás, essa indecisão constitui, talvez, o traço mais forte do segmento dominante em quase

todos os campos, mas sobretudo em matéria de política e de cultura. Até hoje concordamos em chamar de Rio uma baía descoberta num mês de janeiro.

*" Or, je trouve, pour revenir à mon propos, qu'il n'y a rien de barbare et de sauvage en cette nation, à ce qu'on m'en a rapporté, sinon que chacun appelle barbarie ce qui n'est pas de son usage; comme de vray il semble que nous n'avons autre mire de la vérité et de la raison que l'exemple et idée des opinions et usances du país où nous sommes. Là est toujours la parfaite religion, la parfaite police, perfect et accomply usage de toutes choses. (...) jugeans bien de leurs fautes, nous soyons si aveuglez aux nostres. Je pense qu'il y a plus de barbarie à manger un homme vivant qu'à le manger mort, à deschirer, par tourmens et par géenes, un corps encore plein de sentiment, le faire rostir par le menu, le faire mordre et meurtrir aux chiens et aux pourceaux (... et, qui pfs est, sous pretexte de pieté et de religion), que de le rostir et manger apres qu'il est trespasé" (Montaigne, *Essais*, Bibl. de la Pléiade, Paris: Gallimard, 1958, Livre I, Chap. XXI, " Des Cannibales", pp. 242-8).*

Contudo, compartilhamos com a Argentina e com outros rebentos do colonialismo europeu (alguns países da África negra, por exemplo) essa origem ingrata. Ainda hoje os nossos manuais de história repetem o paradigma a que Varnhagen deu a sua chancela no primeiro texto de nossa historiografia moderna: "TERRA DO BRASIL, ou somente BRASIL, foi o nome dado pelos Portugueses à parte mais oriental do novo continente, em virtude de haverem aí encontrado, com abundância, certo lenho, que subministrava ao comércio uma tinta vermelha análoga à que até então, com esse nome, a Europa importava da Ásia". É verdade que o cauteloso historiador não afirmou que se tratava de "madeira da cor de brasa", como qualquer criança escolarizada aprendeu.

Mas Clio e o Mito percorrem o tempo num conúbio persistente. Assim, a despeito da nota erudita que Capistrano acrescentou, desde 1906, a esse texto de Varnhagen, examinando as grafias e acepções do termo, sua antiga presença como ilha na cartografia lendária da Idade Média e na posterior, aliás referendada pelo almirantado britânico; apesar do bem documentado estudo que ao assunto dedicou Gustavo Barroso; não obstante a polêmica de Sérgio Buarque de Holanda contra a tese do "mito geo-político" de Jaime Cortesão (que, numa como ironia, reaparece de algum modo, posto que transmutado, em seu *Visão do Paraíso*); sem embargo de seu belo topônimo indígena e dos bons sentimentos cristãos que presidiram à escolha do nome que fez Cabral ou do designio coletivo expresso pelo poeta, em 1572: "De Santa Cruz o nome lhe poreis" (*Os Lusíadas*, X, 140); a despeito dessas e de outras circunstâncias, prevaleceu sintomaticamente a designação proveniente da expropriação colonizadora, de modo que ela surge já num documento como *A Nova Gazeta do Brasil*, de 1515(1). Entre a Fé e o Império, o predomínio foi deste.

*" Il faut l'avouer, la plus grande partie de ce qu'on appelle Brésiliens se compose de sang-mêlé, mulâtres, quarterons cabocles de degrés différents. On en trouve dans toutes les situations sociales. M. le baron de Cotegipe, ministre actuel des Affaires étrangères, est un mulâtre, il y a au Sénat des hommes de cette classe; en un mot qui dit Brésilien, à peu d'exceptions près, dit homme de couleur. Sans entrer dans l'appréciation des qualités physiques ou morales de ces variétés, il est impossibles de méconnaître qu'elles ne sont ni laborieuses, ni actives, ni fécondes. Les familles métisses se détruisent si vite que certaines catégories de mélanges existant il y a vingt ans à peine ne se retrouvent plus..." (Comte de Gobineau, *Questions de l'Esclavage au Brésil*, 1869).*

Parece ainda mais significativa a ironia com que nos apresentou a nossa história em relação ao termo que nos identifica como povo. Estranhamente, não se trata de um adjetivo pátrio, à diferença do que ocorre noutras línguas que não nos chamam com tal desprimorosa designação profissional. De fato, o sufixo "eiro" que ele porta designa na verdade o sujeito que exerce um ofício conhecido. Portanto, em bom



Capa da revista *Movimento Brasileiro*, 1929, de R. Almeida

1 Cf. Francisco Adolfo de Varnhagen, *História Geral do Brasil. Antes de sua Separação e Independência de Portugal*, 4ª ed., integral, 5 vols., revisão e notas de Rodolfo Garcia e Capistrano de Abreu, São Paulo, Melhoramentos, 1948, v. 1ª, p. 11. (Nota de Capistrano de Abreu; pp. 20-1.) Gustavo Barroso, *O Brasil na Lenda e na Cartografia Antiga*, Brasília - 191, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1941. Relato sumário da polêmica com Cortesão é dado na introdução de Sérgio Buarque de Holanda, *Tentativas de Mitologia*, São Paulo, Perspectiva, 1979.

português, ser brasileiro é como ser pedreiro, porteiro, sapateiro, bodegueiro: um meio de vida. E até concordaremos que isso se dá freqüentes vezes entre nós. Nas suas origens coloniais, *brastletros* eram os marinheiros, os portugueses que vinham "fazer o Brasil", explorar a madeira e os produtos da terra, enriquecer e retornar para a metrópole: "Vá degradado para o Brasil, donde tornará rico e honrado", dizia Frei Vicente do Salvador, em 1618. Portugal preservou o termo e o estendeu aos que aqui permaneceram e aos seus descendentes(2). Aceitamos essa impostura passivamente. E permanecemos *brastletros* até hoje. Parece indubitável que isso não se deu sem graves conseqüências em nosso inconsciente coletivo. Analogamente a outras profissões, *brastletro* é assim aquele que vive de explorar o Brasil e a sua gente. Essa generalização parece eticamente espúria. Mas podemos reservá-la como injúria para aquela minoria de donos do poder que efetivamente exercem o ofício habitual de explorar os demais: a imensa maioria deste país. Para esta, imaginemos verdadeiro adjetivo pátrio, que bem poderia ser *brasilenses*, ou *brasilezes*, ou, numa desforra histórica, mas com duplo efeito numa única decisão, readjetivariamos o velho termo mercantilista que marcou o país, e suas maiorias exploradas seriam ditas *os brasts*. As coisas ficariam mais claras e mais justas, pois reconheceríamos a existência distinta de "brasileiros" e "brasis". Há que se reconhecer que não vai nisso nenhum nominalismo ou mera querela lexical. Poderíamos mesmo encarar uma revisão radical de nossa história, com capítulos novamente escritos: "Formação e Desenvolvimento Político dos Brasileiros", "O Autoritarismo dos Brasileiros", ou então, "Lutas e Rebeliões dos Brasis", "Servidão e Miséria dos Brasis", "Formação e Perspectiva da Cultura Brasília", etc. Chego a fazer a generosa fantasia que, com a nitidez desses novos horizontes conceituais e com o passar dos anos, muitos dos mais cruéis *brastletros* de agora passariam a declarar, alto e bom som, que sempre alimentaram, nos seus sentimentos mais nobres e profundos, a certeza de que eram autênticos *brasts*. Finalmente, a grande transformação!

### O PADEIRO, SUA GEOGRAFIA E O "CARÁTER NACIONAL"

Penso que a melhor maneira de examinar esta ingente e inesgotável questão é começar por uma reminiscência pitoresca que me ressurgiu dos refolhos da memória quando li, faz pouco tempo, esta curiosa notícia que nossos irreverentes modernistas divulgaram numa seção chamada muito significativamente "Brasiliana", do número 2 da *Revista de Antropofagia*.

#### \* Comércio\*

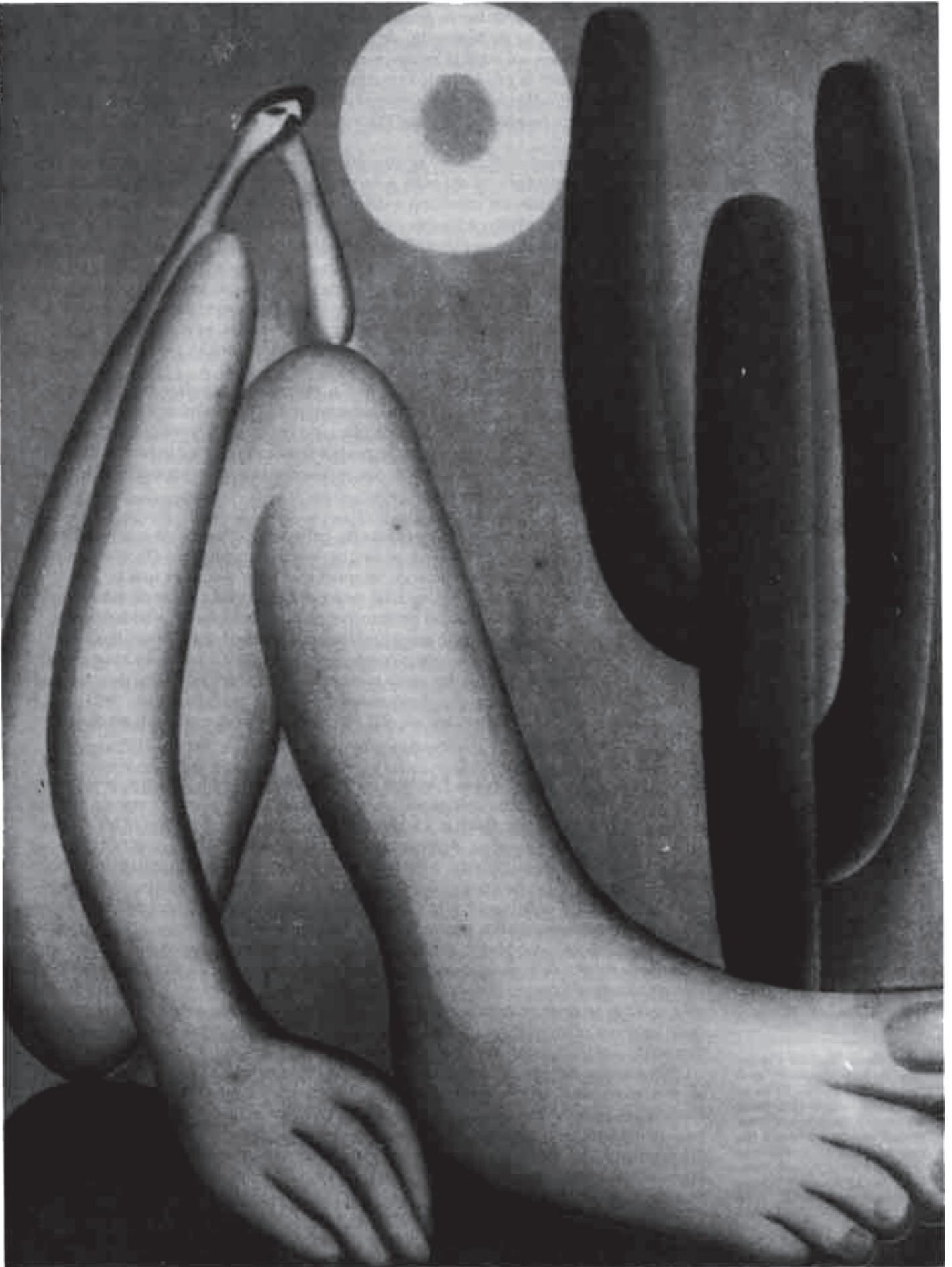
\* Telegrama de Fortaleza para a *Folha da Noite* de S. Paulo, nº de 11.2.1928:

^ As padarias que se encontravam em greve acabaram com essa situação. Mas prometteram que se forem multadas novamente, por qualquer motivo, mesmo que seja fraude no peso do pão, voltarão a fechar os estabelecimentos." (3).

Esse primor de atitude ocorria num tempo em que esses estabelecimentos, em Fortaleza, eram predominantemente de lusitanos, como a Padaria Brasil, do simpático Siqueira, próxima à casa paterna. Na minha infância, na segunda metade dos anos 40, a tarefa de comprar o pão consumido pela família era feita segundo um rodízio semanal entre os irmãos. Assim, quando chegava o meu turno, lá ia eu duas vezes ao dia cumprir aquela rotina que se acumulava às obrigações de estudante. Acontece que, nas tardes de sábado, o ritmo era quebrado pela pequena multidão que se comprimia junto ao balcão. A natural curiosidade de criança, aguçada pela ocasião, levava-me astutamente a burlar a vigilância e penetrar no setor de fabricação das massas. Então, observava, mexia, indagava. De uma feita, tendo lido o rótulo "Tallarim com ovos", nos sacos à espera do macarrão que secava estendido em varas, perguntei ao padeiro encarregado da seção, com alguma desconfiança mas com bastante inocência: "Vocês põem, realmente, ovos nesse tallarim?". E ele me olhou do alto da sua posição de adulto e disse com desprezo: "São Paulo, que é São Paulo, não bota ovos nessa porcaria, quanto mais aqui no Brasil!". Obviamente, não ri de sua geografia axiológica, mas aquela foi por certo uma de minhas primeiras experiências desse brasílico caleidoscópio mental.

2 Conforme diz, mui judiciosamente, Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo: "Ora os Portugueses que descobriram o Brasil, no ano de 1500, deram os nomes às cousas daquele continente, segundo a linguagem da sua pátria...". *Elucidário das Palavras, Termos e Frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*. Edição crítica por Mário Fiúza, Porto-Lisboa, Livraria Civilização, 1963, 1º vol., p. 329.

3 *Revista de Antropologia*, São Paulo, Anno I - Número 2, junho/1928, p. 8.



*" On remarque dans tout cela une tendance constante des couleurs foncées à rapprocher la postérité de la couleur blanche: c'est ce qui donne la clef de beaucoup de choses qui pourraient être pour l'Européen un sujet d'étonnement. Il serait difficile de peindre en traits prononcés et généraux le caractère national des Brésiliens; d'autant plus difficile qu'ils commencent à peine à former une nation"*  
(Maurice Rugendas, *Voyage Pittoresque dans le Brésil*, 1835).

A questão da brasilidade, como se convencionou chamá-la, tem preocupado permanentemente a inteligência do país, pelo menos desde que certo grau de unidade e de consciência nacionais começou a despontar na colônia e, sobretudo, a se colocar como projeto político e intelectual após a independência. Aliás, todos os povos, ao longo do tempo, sempre desenvolveram alguma forma de autoconhecimento e de preservação desse estoque de informações vitais: dispositivos materiais e simbólicos da memória coletiva, diversos registros, mitos, lendas e contos, epopéias e cantos, ritos e ritmos, saberes e imaginários. Em sociedades mais complexas e, em particular, nos tempos modernos, os recenseamentos, as reflexões filosóficas, os estudos comparativos, enfim, as ciências sociais e históricas passaram a ocupar um espaço privilegiado na sua produção.

Se dermos crédito à precisão do *Robert*, a expressão "caráter de uma nação" surge em 1751. No Brasil — onde, segundo sublinhava José Bonifácio de Andrada e Silva, "a esfera do possível é muito maior que a do real" —, aí pelos inícios de nossa independência, um dos primeiros intelectuais a falar em "caráter geral dos Brasileiros" foi, provavelmente, o mesmo Patriarca, num velho manuscrito, onde esboça um retrato favorável e bem-humorado:

" Os brasileiros são entusiastas do bello ideal, amigos da sua liberdade, e mal soffrem perder as regalias que hua vez adquirirão. Obedientes ao justo, inimigos ao arbitrario. Supportão milhor o roubo, que o vilipendio: ignorantes por falta de instrucção, mas cheios de talento por natureza: de imaginação brilhante, e por isso amigos de novidades que promettem perfeição e ennobrecimento: generozos mas com basofia: capazes de grandes acções, comtanto q. não exijão attenção aturada, e não requeirão trabalho assiduo e monotónico: apaixonados do sexo por clima, vida e educação. Empreendem muito, acabam pouco. Serão os Athenienses da America, se não forem comprimidos e dezanimados pelo Despotismo" (4).

Mais de meio século depois, Capistrano de Abreu, jovem de 23 anos, recém-chegado da província, porém utilizando métodos mais seguros e um rigor analítico admirável, retoma a expressão e a sua problemática num ensaio de 1876, em que polemiza com Silvío Romero, demonstrando as "singularidades" e inconsistências de seus argumentos na matéria. Assim, depois de examinar a influência diferencial de fatores em jogo na nossa formação, de mostrar a real e significativa importância das contribuições indígenas e africanas — que Silvío Romero tenta negar ou considera desprezíveis, mediante argumentos contraditórios e até primários —, e depois de analisar, apoiado no léxico sistemático de uma sociologia positiva então vigente, o funcionamento de processos econômico-industriais, morais, estéticos, científicos e governamentais que explicariam o nosso atraso, Capistrano de Abreu sugere que esse quadro se resume num sentimento de desdém, num sentimento de superioridade face aos portugueses, gerado no Sete de Setembro, porém aliado a um sentimento de inferioridade em relação à Europa(5).

Pinço ainda um exemplo dentro da fortuna dessa noção cujo processo reflexivo se tem mostrado tão oscilante. Exemplo prenhe de significação por seu quadro ideológico, pela época em que ocorre, fecunda de novas interpretações do Brasil, e pela densidade intelectual do personagem nele envolvido. Com efeito, Tristão de Athayde ou Alceu Amoroso Lima, em setembro de 1932, numa conferência proferida no Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, examina aquilo que intitula de "Traços da Psicologia do Povo Brasileiro".

" Quanto aos traços psíquicos que somados ao tipo físico vêm a formar a matéria humana de uma nacionalidade, já podemos encontrar também

4 Transcrevo esse documento a partir de Alberto Rangel, *No Rolar do Tempo* (Opiniões e Testemunhos respigados no Archivo do Omay — Paris), Coleção Documentos Brasileiros, Rio de Janeiro, José Olympio, 1937, pp. 13-4. O autor nada diz sobre data e origem do texto, mas informa que ele foi divulgado a 27 de fevereiro de 1918, numa conferência política na cidade de Santos. José Honório Rodrigues afirma que o manuscrito está no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

5 Cf. "O Caráter Nacional e as Origens do Povo Brasileiro", in *O Globo*, Rio de Janeiro, 21 de janeiro e 9 de março de 1876. (Republicado em J. Capistrano de Abreu, *Ensaio e Estudos* (Crítica e História), 4ª série. Edição preparada e prefaciada por J. Honório Rodrigues, Rio de Janeiro e Brasília, Civilização Brasileira/INL, 1976, pp. 3-24.) Capistrano tomou esse título do ensaio, de mesmo nome, de Silvío Romero incluído no seu *Etnologia Selvagem*, Recife, 1875.

no brasileiro, se bem que ainda pouco acentuados e confundidos com certos defeitos de índole.

A doçura do trato, porém, o desinteresse financeiro, a afetividade, a instabilidade, a impulsividade, a bondade de coração, a hospitalidade, a vivacidade de inteligência, o sentido da família, e outros traços análogos já demonstram que há uma alma brasileira. Podemos mesmo dizer que a alma brasileira existe mais concretamente do que o tipo brasileiro. (...) A nação brasileira, portanto, é uma realidade de formação espontânea, cujos imperativos de caráter e de raça não podem ser desconhecidos" (Alceu Amoroso Lima, *Política*, 4ª ed., Rio, Agir, 1956, p. 173).

A despeito de tentar um balanço amplo de nossos supostos "defeitos" e "qualidades", o perfil geral que daí resulta é claramente opulento e risonho — lido na perspectiva do atual cotidiano brasileiro, chega a ser ingênuo ou risível. Entretanto, aquilo que realmente chama a atenção na sua proposta é o fato de o autor, em aparente indiferença a toda produção ensaística e literária do movimento modernista e das reações que este suscitava, retomar as categorias básicas da intervenção de Euclides da Cunha, inovadora para a sua época. Quero referir-me à constelação de conceitos segundo os quais o Brasil era pensado então por nossa tradição letrada: em função de diferenciações espaciais, segundo três eixos fundamentais: I) "o Litoral e o Sertão"; II) "o Norte e o Sul"; e III) "a Cidade e o Campo"; e dentro dessa grade, Amoroso Lima procura caracterizar os diversos tipos psicológicos: "o homem do litoral" e "o homem do sertão", "o nortista" e "o homem do sul". Importa ainda assinalar que, em sua atuação de crítico literário, desde 1919-20, ele operava já com os dois primeiros desses eixos conceituais. Todavia, mais grave impressão nos causa o fato de que essa formulação será literalmente aproveitada, vários anos mais tarde, noutros trabalhos seus, tendo inclusive recebido parecer favorável para publicação nos *Anais* do IV Congresso de História Nacional, em 1949(6).



"Caráter nacional", alma do povo, espírito do povo, psicologia do povo, personalidade e cultura, personalidade básica, personalidade modal, caráter social, áreas e complexos culturais, tradições e características nacionais, identidade nacional, *etbos* cultural, identidade étnica, nacional-popular, etc., tudo isso na perspectiva de dar conta ou explicar o homem brasileiro, as instituições nacionais, a brasilidade, a "cultura brasileira"... A riqueza desse patrimônio lexical é diretamente proporcional à incerteza da construção teórica, que não aponta para uma análise conclusiva. De fato, ainda agora, o termo "caráter nacional" — que aqui tomo, com alguma arbitrariedade, como gênero ou rubrica — não possui uma significação precisa e delimitada no plano teórico e muito menos no de sua aplicação ao nosso caso.

Quando, no Brasil, a produção meramente ensaística predominava no campo das ciências humanas, a questão do "caráter nacional", da identidade brasileira nacional e regional — com esses mesmos nomes ou não, pois então se falava mais freqüentes vezes em "psicologia do povo brasileiro" ou nos seus traços e características — ocupava mais intensamente a inteligência do país. Agora que essas disciplinas, ditas de preferência ciências sociais e históricas, criaram tradição acadêmica e ganharam sistematicidade, tal problemática parece ter perdido parte de seu vigor ou interesse, e tendem a ser menos numerosos os estudiosos que dela se ocupam. Ora, o paradigma de ciência cultivado sobretudo no Ocidente inclina-se para a progressiva especialização dos problemas e, portanto, evita as questões excessivamente abrangentes e generalizantes como essa. Eis aí, por certo, uma das razões de sua presença mais rarefeita no panorama atual dos estudos antropológicos, psicossociais e históricos que tomam o Brasil por objeto.

*"De ser esta reunión exclusivamente de antropólogos daríamos por descontada una definición de cultura, discutiríamos en una especie de metalenguaje, cumpliendo cabalmente lo señalado por G. Steiner de que gran parte del pensamiento occidental es' ... una repetición constante, por medio de alusiones e variantes, de un repertorio establecido de mottvos : un pensamiento acerca de pensamientos previos, sin que en la mayoría de los casos las premisas iniciales sean*

6 Provavelmente publicado na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia*, o texto dessa conferência aparece primeiramente em livro no seu *Humanismo Pedagógico*, Rio de Janeiro, Stella Editora, 1944, pp. 91-116. É reproduzido em sucessivas edições de sua *Introdução à Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro, Agir, 1956, pp. 152-67. Fato curioso merece ser sublinhado aqui desde os anos 40, no plano de "Obras Completas de Alceu Amoroso Lima", em 35 volumes, sob a responsabilidade editorial da Livraria Agir, aparece um tomo 30 intitulado "O Homem Brasileiro (em preparo)" e a partir do final de 1956 esse título desaparece da lista.



*explicitadas. Tal vez el aforismo de Montesquieu sea más cierto de lo que parece a primera vista: '... autrefois on estimait les hommes; à présent, les livres'. Tampoco las ideas, sino los libros, las mercancías* (Stefano Varese, "Una Dialéctica Negada: notas sobre la multietnicidad mexicana", in VV.AA.; *En Torno a la Cultura Nacional*, México; Instituto Nacional Indigenista, 1976, p. 137).

De fato, com a institucionalização acadêmica das ciências sociais nos anos 30, desde os estrangeiros que aqui deixaram o fruto de seu labor e formaram as primeiras gerações do novo tipo de pesquisador, os projetos e a tarefa de redescobrir o Brasil ou decifrar o seu enigma continuam, porém, por vertentes que variam em grande parte ao sabor dos modismos teóricos imigrantes e em função das conjunturas políticas e econômicas. Situam-se nessa perspectiva vários estudos de perfil mais segmentário ou monográfico, como os esforços de sociólogos e cientistas políticos que se aplicam, por exemplo, na pesquisa e na compreensão das origens e do sentido de nosso "autoritarismo", sobretudo depois do Estado Novo e mais ainda após o Golpe de 64; igualmente na antropologia, tenta-se desvendar, mediante a análise de nossos códigos culturais e de nossos rituais civis, militares e religiosos, aquilo "que faz o Brasil, Brasil", para uso doméstico ou "para inglês ver"; enfim, no território mais fecundo desses estudos nas últimas três décadas, a história social mergulha no esclarecimento setorial de aspectos pouco conhecidos ou analisados,



enquanto a psicologia social e a história das idéias empenham-se em demonstrar as dimensões e os mecanismos ideológicos do "caráter nacional" e da "cultura brasileira".

Entretanto, nessas elaborações de conjunto, nessas sínteses abrangentes não estaria embutido um impulso triunfalista próprio de situações hegemônicas, uma manifestação não declarada daquele "paulistismo" prontamente apontado e criticado por Mário de Andrade quando de sua afirmação por Sérgio Milliet em 1926 nas páginas da revista *Terra Roxa e Outras Terras*? Como quer que seja, no primeiro desses dois últimos casos, ao recolher para exame da "ideologia do caráter nacional brasileiro" determinados autores consagrados, o pesquisador introduziu ampla distorção em seu procedimento analítico. Em primeiro lugar, ficaram excluídos inúmeros outros autores e suas obras, tão ou mais relevantes do que os contemplados. Ora, a história da cultura tem mostrado significativos casos de figuras desprezadas ou despercebidas em sua época, mas posteriormente redescobertas e reavaliadas, assim como casos de retumbantes consagrações de contemporâneos que o tempo reduziu ou apagou. Parece um sábio processo esse esquecimento das gerações sucessivas que borra personalidades e obras que não deixaram marcas significativas no caminho dessa construção. Cito um exemplo paradigmático: quem percorre o extenso recenseamento "literário" empreendido por Sílvio Romero em sua *História da Literatura Brasileira* (1888), por certo se espanta do vasto elenco de autores hoje completamente esquecidos, a não ser dos que, por dever de ofício, escarafun-

cham os subterrâneos dessa memória. Frequentes vezes a persistência de valores e formas ainda vigentes em períodos que já iniciaram a sua superação enquanto critérios de recepção, ou os modismos diversos que entram como ingredientes dos contraditórios processos de avaliação estética, projetam e consagram supostas figuras criadoras que somem, depois, sem retorno. Em segundo lugar, mas ainda em relação com esse mesmo fato, há que se submeter a um exame mais rigoroso os critérios de consagração, em particular nos seus dispositivos sociais de poder. Quanto ao segundo desses estudos, relativo à "ideologia da cultura brasileira", acredito que a justa apreciação que lhe faz Alfredo Bosi no prefácio de sua segunda edição é o que de mais lúcido poderia ser dito a seu respeito, em especial se atentarmos para a crucial citação de Vieira com que a encerra.

Seria legítimo indagar ainda qual a validade explicativa desses procedimentos que buscam identificar como ideológico o debate ou a reflexão sobre a problemática da brasilidade. Antes de mais nada, esse percurso do pensamento brasileiro é intrinsecamente político e, portanto, não há como sair de seu caráter ideológico. Por outro lado, não existe uma instância — a não ser recaindo na ilusão positivista, onde se paga o preço da falsa moeda — que salve dessa condição o intelectual empenhado em tal projeto: como falar do homem genérico e mais ainda de um homem concreto e particular, sem tomar partido? Além disso, nesse terreno, mais do que talvez noutros campos, nossas análises tendem a configurar uma grande tautologia onde se perpetua o comentário dos comentários e onde nossas observações permitem reen-



contrar teorias e crenças, ou, na bela e *virulenta* observação de Proust: "*Les théories et les écoles, comme les microbes et les globules, s'entredévorent et assurent par leur lutte la continuité de la vie*" (7). Não era outro o sentido do malicioso reparo de Lévi-Strauss, segundo o qual a psicanálise em sua degradação ritual deixou de ser uma interpretação do mito de Édipo para se tornar uma variante deste. Como quer que seja, restam, entre outros méritos, a grandeza substantiva do esforço crítico, os seus efeitos pedagógicos, a preservação desse repertório cultural e a periodização dos percursos de um pensamento brasileiro.

Em suma, nesse longo e tortuoso processo histórico, quem cometeria a proeza de apontar o momento em que se dá a passagem da *América Portuguesa* para a entidade *Brasil* e que sentido assumiu essa mutação? Tal indagação obsedante está condenada sem dúvida a jamais obter resposta precisa, pelo menos no que concerne à sua primeira parte, que se inscreve no registro do real e das práticas concretas, ou das "entrâncias dos homens sacrificados" conforme assevera Vieira no mencionado sermão. Quanto à resposta ao segundo membro do questionamento, já estava em elaboração desde antes do ponto de mutação e continua a se propor como desafio dessa "descoberta" que se refaz incessantemente numa dialética entre uma razão arquitetônica e uma razão polêmica, e que, por sua vez, situa-se mais propriamente no plano da consciência ou do "assento do entendimento", segundo o mesmo pregador.

Quero crer que uma via de superação progressiva dessas dificuldades próprias do

Vinhetas de J. Carlos para a revista *Carota* (1941)

7 In *Sodome et Gomorre*, citado por Pierre Bourdieu; *A Economia das Trocas Simbólicas*, São Paulo, Perspectiva, 1974, p. 99.

segundo plano reside na exploração das diversas imagens do Brasil: a) nas diferentes fases de nossa história; b) nas diferentes regiões de nosso continente sociocultural; c) nos vários olhares forasteiros que nos estudaram ou apreciaram; d) no pensamento de nossa "ilustração" e nas imagens da literatura de ficção e da poesia, incluindo aí as visões dos ufanistas contumazes e as dos críticos pessimistas; e) nas concepções das elites econômicas e políticas e nas das massas e classes subalternas.

Pretender examinar cada um desses percursos desbordaria de muito os limites e intuítos deste artigo. Assim, para concluir esta segunda parte, apenas alguns comentários curtos que podem ser pertinentes. Escolho, pois, um ponto que me parece crucial: uma fonte inestimável para a "descoberta" e construção de uma imagem mais justa do Brasil — até hoje não explorada seriamente, segundo me parece — estaria num estudo sistemático e exaustivo dos olhares estrangeiros sobre diversos aspectos de nossa realidade. Obviamente, isso incluiria não só os viajantes e naturalistas que no passado — especialmente no século XIX — devassaram quase todo o nosso território e deixaram análises e observações preciosas sobre a terra, a gente, os costumes e as instituições; mas também o riquíssimo *corpus* constituído pela correspondência e pelos relatórios que enviavam os agentes diplomáticos de países aqui representados, quase sempre livres de autocomplacência e protegidos das censuras pelo sigilo da função, embora não estivessem isentos de etnocentrismo e de outras modalidades de viés; e ainda, enfim, toda a mais recente elaboração dessas mesmas fontes, acrescidas das obras, tematicamente monográficas ou abrangentes, dos "brasilianistas" de origem vária que nos têm estudado. É verdade que um Gilberto Freyre foi um dos iniciadores dessa tarefa ao se utilizar amplamente das primeiras dessas fontes, porém ele o fez de modo tão arbitrário e desordenado que seus resultados mais significam uma colheita tendenciosa de materiais para ilustrar e reforçar suas próprias interpretações. Quanto ao segundo conjunto de fontes acima arroladas, Alberto Rangel, no mesmo período que Gilberto Freyre, realizou a exploração do material relativo ao Brasil, nos arquivos do Ministério *des Affaires Étrangères*, em Paris, trabalho que, embora rico, esclarecedor e pitoresco, padece também de inconsistências por seu andamento fragmentário e quase maledicente. Por sua vez José Honório Rodrigues tanto ensaiou sumário exame da "imagem do Brasil pelos estrangeiros" até a primeira década do nosso século, quanto realizou o extraordinário esforço preliminar de levantamento de fontes e inventários sobre arquivos estrangeiros concernentes ao Brasil, assim como dos estudos brasileiros feitos por *braziliantists* de várias procedências<sup>8</sup>. Contudo, esses esforços e outros menores ou mais específicos apenas afloram tal estudo e apontam para a imensa tarefa de recomposição dessas fontes e para o longo e paciente trabalho de análise e interpretação de seus materiais, que só será possível de realizar-se mediante esforço coletivo e apoio institucional<sup>9</sup> de uma política cultural deliberada e ousada. Tarefa incessante e permanente.

Se, em seu tempo, Capistrano de Abreu insistia na quase impossibilidade de se escrever a história do Brasil enquanto não se tivesse feito a história da ação jesuítica em nosso país, tal a importância desse molde na conformação de nossa ontologia como povo e nação, ainda agora perduram enormes lacunas nesses domínios. Amplas zonas de silêncio recobrem o território dos estudos brasileiros: do meu conhecimento, só recentemente começam a surgir trabalhos monográficos sobre nossas forças armadas no sentido mais lato do termo; também recente é a reavaliação do papel histórico da Igreja e de outras confissões; a indigência é enorme de estudos de valor analítico no que tange à maçonaria e a outras sociedades semelhantes; são relativamente incipientes os exames sistemáticos das falas parlamentares e dos programas governamentais; é quase amazônica a nossa ignorância e injustificável o desdém da inteligência brasileira em relação à chamada América Latina<sup>9</sup>; são pobres os nossos estudos comparativos ou transculturais; e mais uma longa lista de etc... Finalmente, a nossa maior e mais grave lacuna talvez se situe na perversa exclusão das numerosas populações subalternas cuja voz jamais participa do coral que pretende cantar o Brasil; o "povo brasileiro" cuja inexistência fora constatada com espanto por um professor francês, contratado pela Escola Politécnica, Louis Couty, nos seus trabalhos *L'Esclavage au Brésil* (Paris, 1881) e *Ébauches Sociologiques: le Brésil en 1884*, quando, ainda no final do século passado, prevalecia uma sociedade de senhores e escravos e onde tudo dependia da única vontade de Pedro II; este povo quase nunca protagonista ou sempre admitido como mero figurante do cenário em cujo palco têm sido teatralizados os fastos grandiloquentes de suas eli-

8 O trabalho de Alberto Rangel aqui referido acha-se no seu livro citado acima, na nota 4. Quanto aos trabalhos de José Honório Rodrigues encontram-se, respectivamente, em: *Aspirações Nacionais - Interpretação Histórico-política*, 2ª ed. revista e atualizada, São Paulo, Fulgor, 1965, pp. 54-64; *A Pesquisa Histórica no Brasil*, 3ª ed. Brasileira (grande formato), v. 20, São Paulo, C.E.N., 1978, pp. 210-28, e *História Combatente*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982, pp. 54-93.

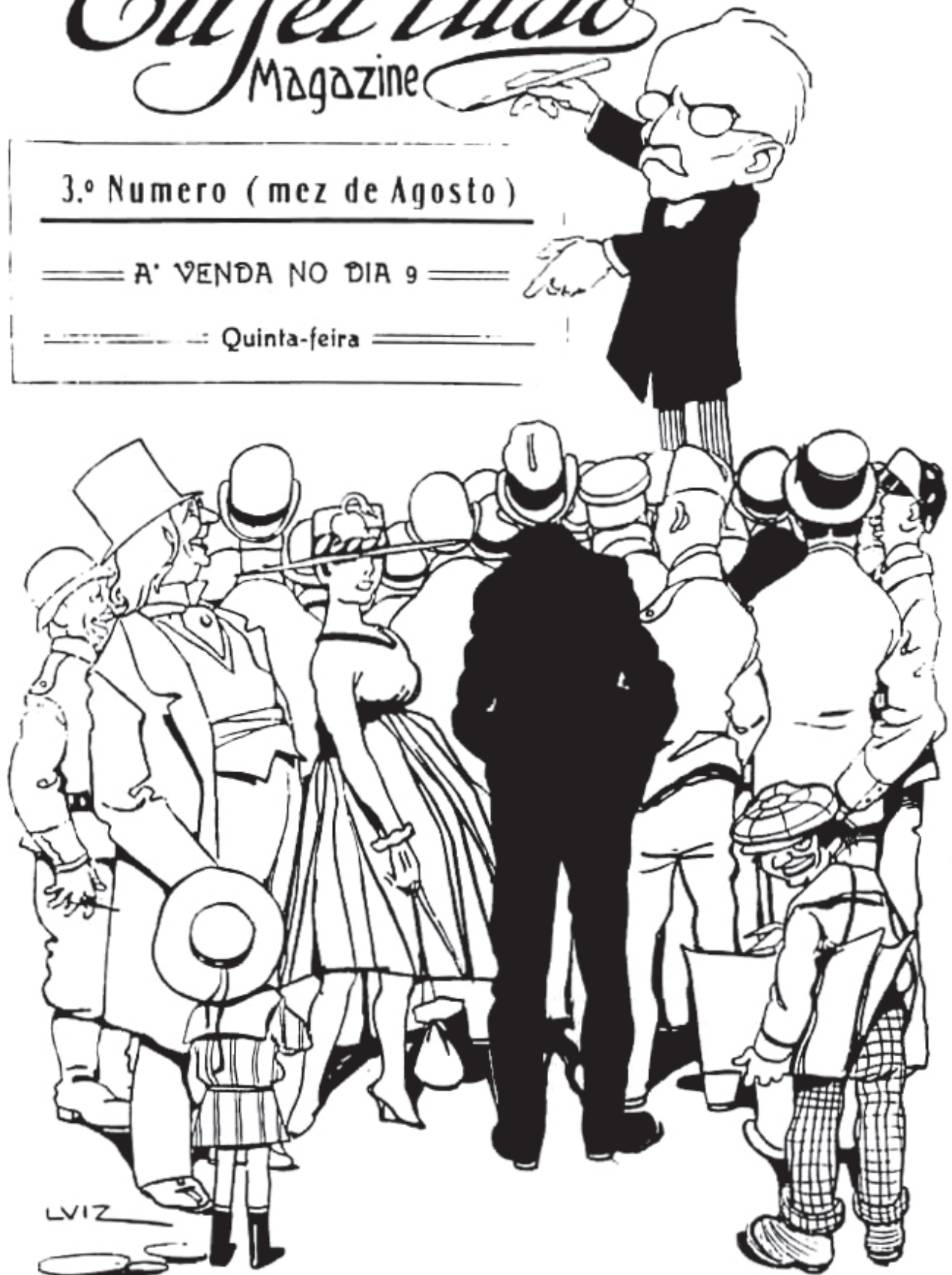
9 Naturalmente, há que se considerar a existência de exceções. Entre elas merece registro o caso de lucidez e antecipação de Manoel Bomfim, *A América Latina*, Rio de Janeiro, Garnier, 1905 (com uma Advertência assinada de Paris, março de 1903). Este estudioso, caso raro de intelectual brasileiro da época que não sucumbiu às explicações racistas, analisa nesse ensaio, numa perspectiva histórica, o atraso de nosso continente em consequência da dilatação do estatuto colonial, que se exprime sobretudo na persistência das oligarquias e no imperialismo estrangeiro. Todavia, ele não extrai as consequências contidas em sua argumentação e retorna à proposta da ilustração brasileira de que também era herdeiro.

# Cou sei Tudo Magazine

3.º Numero (mez de Agosto)

==== A' VENDA NO DIA 9 =====

-----: Quinta-feira -----



tes, como, no início, a indiana abertamente pacóvia de *A Primeira Missa* de Victor Meireles, ou tenuemente visibilizado, depois, no ar "bestializado" do carreiro de *O Grito do Ipiranga* de Pedro Américo:

"Em termos de História: desde a implantação da cultura letrada portuguesa no Brasil, ficaram abaixo do *limiar da escrita* quase todos os conteúdos da vida indígena, da vida escrava, da vida sertaneja, da vida artesanal, da vida rústica, da vida proletária, da vida marginal; abaixo do limiar da escrita ficaram as mãos que não puderam contar, no código erudito, a sua própria vida" (10).

Ao resumir as tentativas empreendidas até então (1965), José Honório Rodrigues insistia em que não bastava uma fórmula simplificadora do tipo: é triste, não é triste, é ou não cordial; a chave não se encontra no índio, nem no negro, pois a mistura dissolvera as culturas; tampouco está no português, de quem nos distanciamos passo a passo desde o primeiro dia (os dois grumetes que fugiram da nau de Cabral para a aventura da "terra nova" simbolizam metonimicamente esse processo de ruptura); não é a fronteira, nem o sertão, nem o litoral; não é o cangaço, nem o alienado euro-afrancesado; não é o pai-de-santo, nem o fanático rural ou urbano, nem o capoeira, nem o coronel; não é o lavrador, nem o senhor de engenho, nem o fazendeiro, o comerciante, o industrial, o banqueiro; não é o medalhão erudito, nem o esnobe, nem o finório ou o malandro, nem o alienado ou caído — "porque é tudo isso e mais *algo* que se tenta exprimir e que exige pesquisa mais ampla e séria" (11).

#### \* AS PROMESSAS DIVINAS DA ESPERANÇA\* OU O SENTIDO AGONÍSTICO DESSA "DESCOBERTA" CULTURAL

Penso que a melhor imagem da elaboração histórica da "cultura brasileira" em seu esforço de "descoberta" desse ente Brasil — talvez fosse mais correto dizer: em sua tentativa de solucionar a nossa aporia —, reside na incessante e ingente tarefa a que foi condenado o astuto Sísifo, e que constitui aliás a característica geral do território da história, conforme assinalou A. Rangel. E o princípio epistemológico de base que subjaz a essa construção nacional foi enunciado com clareza por Caminha, em nossa "certidão de batismo", segundo Capistrano definia sua carta: "Isso tomávamos nós assim por assim o desejarmos" (12).

Somos, provavelmente, o único povo civilizado que se pensa a partir de um grau zero da história. Não conseguimos ver-nos de fato nas nações indígenas que aqui existiam anteriormente à vinda dos europeus. Não conseguimos pensar-nos ou imaginar-nos antes de 1500. Daí para trás, só admitimos um salto por sobre o Atlântico e recorremos a outro tempo que vai, no mínimo, até a dinastia de Aviz. Não conhecemos, ao contrário, por exemplo, do Peru, da Guatemala ou do México, o orgulho nacional de tradições culturais pré-colombianas. Desse modo, como construto histórico-intelectual, "Brasil" é uma noção que se inicia com as caravelas de Cabral, ou de Colombo, como queria Machado de Assis. Não é, pois, por acaso que só muito recentemente os nossos estudos arqueológicos começaram a tornar-se ponderáveis e significativos. E, exceto para os bons especialistas na matéria, as fragmentárias noções de nossa pré-história, que divulgam os manuais escolares, soam-nos tão estranhas quanto as que dizem respeito aos sumerianos ou aos etruscos.

Por outro lado, se durante longo tempo fomos um país cuja realidade manifestava-se numa curiosa estratificação histórica, conforme a observação de Pedro Calmon em sua vetusta *História Social do Brasil* — retomada por Roger Bastide no seu *Brasil: Terra de Contrastes* —, segundo a qual o viajante, ao recuar do litoral para o sertão interior, remontava no tempo até as condições socioculturais e econômicas do final do século XVII, é mais provável que a integração centralizadora desde os anos 30 e mais intensamente nas últimas três décadas (sistema nacional de telecomunicações, internacionalização da economia, progressiva expansão da indústria cultural, etc.), aplainando as diferenças e produzindo crescente homogeneização de padrões culturais pela medianização do gosto e dos valores, tenha começado a borrar esse perfil e produzido o delineamento de nova inscrição histórica que apenas se esboça com horizontes ainda incertos. Pálida imagem desse panorama foi captada

10 Alfredo Bosi, "Um Testemunho do Presente", prefácio in Carlos Guilherme Mota, *Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974): Pontos de Partida para uma Revisão Histórica*, 4ª ed., São Paulo, Ática, 1978, p. XVI.

11 Cf. *Aspirações Nacionais*, op. cit., p. 20.

12 Cf. Jaime Cortesão, *A Carta de Pero Vaz de Caminha*, Col. Clássicos e Contemporâneos, Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1943, p. 207.

pelo filme *Bye, Bye, Brasil*, de Cacá Diegues, e claramente reforçada por seu tema musical (Chico Buarque de Holanda). Contudo, perduram diferenças socioeconômicas abissais; a ponto de o espectro de situações estender-se até a "classe Z", segundo Joãozinho Trinta que sabe dessas coisas(13), e mais houvera, acrescento eu, se para tão intensa diferenciação fosse maior o nosso alfabeto...

Tais "singularidades" dessa ex-França Antártica, com a aparência de fatos desconexos, não são tão singulares, nem inteiramente incoerentes. Na verdade, pode-se dizer que esses e outros muitos fatos semelhantes constituem efeitos de poder, na produção social do sentido, que, grosso modo, instituem-se sob a forma de matriz de um modelo de racionalidade, com base na subjetividade privada, mas imposta como universal e excludente, e cuja gestação, como estilo cognitivo dominante no Ocidente, vem pelo menos desde o Renascimento, com o reforço do Cristianismo europeu, inclusive enquanto suporte moral de veridicidade dos discursos.

É com base nessa gênese que se formula, por exemplo, a visão tradicional, holística e harmoniosa, disso que se convencionou chamar de "cultura brasileira", em particular na sua concepção ilusória de uma síntese das três "raças", em seus acervos específicos e com a dominância da branca européia. Contudo, mais que falsa ou quimérica, é perversa essa recorrente melopéia, que busca assim ocultar a crueldade de suas raízes históricas. Um só caso basta para ilustrar: transformar o desaparecimento dos índios em grande atributo da harmonia despreconceituosa das raças — como o faz Plínio Salgado e os "verdes-amarelos" em pleno modernismo —, tomar o *tupi* ou a *antia* como sinais distintivos da síntese positiva das qualidades da alma brasileira constitui, na verdade, o processo discursivo com que se reveste a operação ideológica que busca elidir a brutalidade material do empreendimento colonial e a violência simbólica da catequese, procedimentos ambos que efetivaram esse genocídio em nome da Civilização e do Cristianismo. Além disso, essa proposta que reproduz o silêncio sobre o negro tenta livrar do sentimento de culpa que provém da escravidão e dissimular a vergonha que constrange as elites face à verdade de nossas origens(14).

É conhecida a irônica observação de Nietzsche, segundo a qual os donos do poder adoram inventar palavras nas quais terminam por acreditar. E dificilmente encontraremos um termo-chave do léxico moderno que não tenha sido construído às custas de milhares de seres sacrificados, "ou que não deixe transparecer em seus produtos os traços de destruição de outras organizações étnicas ou simbólicas — o genocídio se faz alternar por *semiocídios*"(15). Ora, justamente a *cultura* é uma dessas palavras-fetichê, constituinte ideológico da modernidade ocidental que a universaliza discursivamente de modo a tornar a sua aceção social a classe de todos os significados, num procedimento que, simultaneamente, vela a arbitrariedade de sua construção e constrange ou mesmo elimina outras modalidades de arranjos simbólicos e de relacionamento com o real, como de fato se deu com as culturas indígenas originárias e com as culturas negras em sua reposição brasileira. Assim, as variações semânticas desse termo podem ser melhor esclarecidas nas suas relações com a *ideologia*, que enfatiza os efeitos sociais de poder sobre o sentido, finalístico e universalista, em nossa civilização. Como, porém, esse modo de relacionamento com o sentido e com o real não é inteiramente recoberto pelo campo do poder, restam sempre alternativas que podem subverter a interpretação ocidental dominante, abrindo possibilidades para outras regras do jogo humano. Daí que o confronto desses diferentes modos de agenciamento, além de sua problemática específica, pode suscitar o repensar de questões mais amplas que implicam crenças e valores cultuados por essa tradição, tais como a do progresso ilimitado, a da suposta superioridade da História sobre o Mito, ou da Modernidade sobre a Antiguidade e as culturas arcaicas, etc. Enfim, esse jogo dos possíveis que não evita o confronto com outras perspectivas e mostra que outras histórias podem ser narradas além daquelas que a ideologia constrói sobre si mesma (como, por exemplo, o padrão do senhor e do escravo que se repõe nas atuais relações de produção ou entre brancos e negros), não só permite vislumbrar alguma forma de paridade entre a *Arké* e o *Logos* na existência social de hoje, assim como sublinha com certa intensidade o caráter agonístico do andamento histórico da "descoberta" ou invenção do Brasil pela "cultura brasileira", sentido que pode e deve ser tomado como um processo de luta ou trabalho que, mediante as diferenças, permite o jogo de oposições no interior do sistema, tanto para produzir as significações quanto para aniquilá-las.

13 Tanto sabe que sustenta com toda convicção e fundamento que a única instituição seriamente organizada e britanicamente confiável deste país são "os corretores zoológicos".

14 Embora não pareça ser este o lugar para examinar os meandros desse discurso, na perversão e na impostura de sua rica semântica, não seria inútil assinalar a espantosa freqüência com que o termo "sangue" nele comparece, numa como metonímia do retrato do Brasil que se adensa na inversa proporção do seu vazio teórico e interpretativo.

15 Muniz Sodré, *A Verdade Seduzida para um Conselho de Cultura no Brasil*, Rio de Janeiro, Codecri, 1983, p. 7. Não apenas esta citação, mas ainda retomo boa parte das reflexões desse tópico de uma espécie de contraponto cordial com meu colega e amigo Muniz Sodré, que vem de longa data e se intensifica a partir deste livro inovador e ousado, mas que lamentavelmente parece ter passado meio despercebido na debilidade de nosso mercado intelectual. É, pois, justo que lhe reconheça o mérito.



Embora os produtos literários possuam sua realidade peculiar e se inscrevam antes de tudo na esfera dos valores estéticos, não constituindo assim, primariamente, fatos de conhecimento ou documentos de investigação sociológica e histórica, parece indubitável que, entre os dispositivos coletivos de autoconsciência, a literatura constitui um dos modos mais significativos graças ao qual uma sociedade se exprime e toma ciência de si mesma. Assim, conforme sustentava quem entendia bem da matéria: "Para apreender a riqueza social em toda sua farta complexidade, precisamos recorrer aos mais variados métodos, mesmo ao método poético, caso seja necessário" (16).

No Brasil, onde a busca de identificação constitui a característica dominante de nossa literatura doutrinária e de nossa literatura ficcional e mesmo da poética, essa função segunda parece manifestar-se com mais força, *pelo menos na esfera de nossa tradição letrada e dos segmentos culturais de elite*. Eu arriscaria mesmo a hipótese segundo a qual, mais do que as ciências sociais que até hoje, na maior parte de seus resultados, estiveram umbilicalmente atreladas a categorias e doutrinas elaboradas noutros espaços sociais e noutros horizontes mentais, sempre a reboque dos derradeiros modismos teóricos dos países centrais(17), provavelmente é na literatura e talvez no ensaio que encontraremos o nervo e o osso de nossa experiência histórica e a melhor elaboração acerca de nossa ontologia como povo e cultura. Mesmo porque a produção de cientistas sociais está bem mais submetida a intâncias de consagração mais restritas e presas à "honra estamental", mais dependente do reconhecimento acadêmico que costuma privilegiar muito mais o pensamento de autores estrangeiros no obrigatório ritual das citações. Por sua vez a literatura, no seu contraponto polissêmico entre as pulsões do desejo e os compromissos com a realidade que reconstrói ou inventa simbolicamente, assim como o ensaio, livre das camisas-de-força teórico-conceituais e da obsessiva coerência dos paradigmas científicos, constituem uma matriz mais criativa e uma fonte mais rica da cambiante imagem brasileira. Não haveria exagero em afirmar que a melhor semiose de nossa realidade tem sido produzida nos registros de nossa *mitopoesis*.

Um dos aspectos agonísticos da elaboração de nossa cultura mosaica, que até hoje não conseguiu articular os fragmentos desconexos e estratos conflitantes de que se compõe, reside numa espécie de tragédia que acompanha os seus percursos: seus criadores parecem condenados a gerar

"montadoras", a saber, a maioria dos produtos "made in Brazil" não passa de um arranjo interno de componentes externos, embora com alguma cor local. Foi assim no passado com as idéias e as criações artísticas; continua a ser assim agora também no que concerne às produções tecnológicas. Seria, pois, uma insuficiência crônica de originalidade, seriam a dependência e a debilidade culturais que não têm permitido afirmar um perfil nacional ao nosso ser coletivo e às suas manifestações, traços duradouros que estariam na gênese e no processo de permanente busca de definição ou de identificação. Dependência e debilidade que devem ser matizadas segundo campos específicos – literatura, teatro, cinema, televisão, música, canto, dança, artes plásticas, arquitetura, etc. – pois se apresentam em graus diversos em cada caso. No conjunto, porém, caberia, a esse propósito, certas indagações: Não seria esse "o fardo do (nosso) homem branco"? Não seria isso uma espécie de maldição que recai sobre nossas elites e as acompanha em sua errância histórica e contraditórios projetos? Relativamente à margem da influência dominante das culturas centrais, as nossas classes subalternas e as "minorias" étnicas não teriam elaborado alguns dos produtos mais criativos e originais dos nossos universos simbólicos? Não consistiria nisso a "consciência infeliz" de nossos intelectuais empenhados que, do romantismo aos diferentes modernismos, têm suscitado ou renovado movimentos na tentativa de redefinir a problemática da brasilidade e redesenhar o projeto de construção de uma "cultura brasileira"?

*"If I were a Brazilian"*

*"In seeking the unity of a society and national culture so complex as that of modern Brazil, I realize that certain things cannot be stated scientifically, with full substantiation. Much of the unity of Brazil comes from just being a Brazilian – feeling and acting like a Brazilian. These implicit, almost intuitive, aspects of a culture are difficult to make explicit and to define, even for the native observer, although they are expressed every day in books, newspapers, and movies, and in the common understandings which the members of a culture share. (...) I have often daydreamed about what I might do or be if I were a Brazilian. Sometimes I have thought that would be a revolutionary, attempting to break rapidly and drastically through the lethargy of an archaic class system. Yet, if I were a Brazilian, I would, of course, almost certainly want to be of the upper class. I would not want to be one of the unfortunate 49 percent who cannot read or write, and I would want to be one of the small minority who somehow achieve a university education. I would want to travel abroad to Europe, to the United States, and perhaps even beyond the Iron Curtain to compare my own country and society with that of others..." (Charles Wagley, *An Introduction to Brazil*, New York and London, Columbia Univ. Press, 1963, pp. 267-8).*

Seria por demais fastidioso transcrever aqui a longa lista de citações em abono da tese segundo a qual toda a nossa tradição literária e ilustrada tem sido um incansável esforço de busca para "descobrir" ou inventar o Brasil. Por essa razão, a vertente do pensamento crítico já foi até batizada de "tradição afortunada" por um de seus cultores contemporâneos. Além do que inúmeros trabalhos bem fundamentados já demonstraram-na melhor do que eu seria capaz de fazê-lo nos parcos limites de um mero artigo.

Os dois momentos mais significativos dessa espécie de "mito do eterno retorno" foram, como se sabe, o romantismo e o movimento modernista. Se o romantismo foi pensado em Paris (1836) por Magalhães e colegas, com muitas saudades e suspiros, é sobretudo com Alencar que ele se adensa como desenho cultural da brasilidade, pois foi este que alargou, com seu obstinado projeto romanesco e teatral, os horizontes da consciência possível de sua época; foi ele que, em sua polêmica com Magalhães, a propósito de *A Confederação dos Tamotos* (poema épico de 1856), percebia que a forma literária do romance correspondia às possibilidades de expressão de uma estética nacional face àquela forma superada: de um lado, um, 20 anos, ainda desconhecido, a combater com rigor o poema, numa série de cartas; do outro, significativamente, encontravam-se Araújo Porto Alegre, Monte Alverne, Alexandre

Ao lado, acima, *Brasilidade*, ilustração de Di Cavalcanti; abaixo, o Jeca Tatu

16 Cf. Roger Bastide, "A propósito da Poesia como Método Sociológico", in *Roger Bastide: Sociologia*, Col. Grandes Cientistas Sociais – 37, introd. e org. de M. Isaura P. de Queiroz, São Paulo, Ática, 1983, p. 84.

17 Entre 1870 e 1930, seus ciclos de vigência perduravam cerca de duas a três décadas e às vezes mais; atualmente tais ondas imitativas oscilam entre 5 e 10 anos. No início dos anos 40, Oswald de Andrade registrava já, com ironia, essa aceleração geral no ritmo desses processos: "A rapidez com que vão se processando os fatos deste século fez do homem um ser onipresente e tumultuário (...). Tudo se atropela e justapõe. E as proezas outrora herméticas do surrealismo e do cubismo são hoje menos complexas e obscuras que a contínua fotomontagem processada na cabeça quente do homem cotidiano e normal. Foi isso decerto que fez com que um jovem se reclamasse o prestígio de pertencer à geração de 12 de agosto de 1939, pois que agora era assim: após a geração de 22 que sucedeu a de Machado de Assis, tinha aparecido penosamente a de 30, em seguida a de 35, depois a de 36, a do 1º semestre de 1937, a do 2º, enfim, a dele. E como eu lhe perguntasse que tinham feito essas gerações, respondeu-me: – Estudado problemas". (*Ponta de Lança*, São Paulo, Martins, 1945, p. 59).



Herculano, Castilho, Pinheiro Guimarães e o imperador Pedro II, que era amigo e patrocinador do autor do poema. Naturalmente, a questão sobre a qual discutiam e que empolgava a inteligência romântica consistia em caracterizar a nacionalidade de nossa literatura, a busca de auto-expressão literária do *jovem país* independente e que poderia dar corpo ao "caráter nacional brasileiro". Esse sentido polêmico, no confronto entre brasilidade e universalidade, perdura e se renova contra outros protagonistas: Franklin Távora, José Feliciano de Castilho, Joaquim Nabuco... Machado de Assis, lúcido e privilegiado observador de nosso quotidiano — isso lhe permitirá ser, mais tarde, um dos raros intelectuais brasileiros que, "no calor da hora", ousou defender Antônio Conselheiro contra a histeria nacional que se abateu criminosamente sobre o sonho de Canudos, em nome da ordem e do progresso —, em célebre artigo de 1873 sobre o "instinto de nacionalidade" na literatura brasileira, formula com equilíbrio a sua definição nos termos que correspondem à ideologia ilustrada dessa fase:

"Interrogando a vida brasileira e a natureza americana, prosadores e poetas acharão ali farto manancial de inspiração e irão dando fisionomia própria ao pensamento nacional. Esta outra independência não tem Sete de Setembro nem campo de Ipiranga; não se fará num dia, mas pausadamente, para sair mais duradoura; não será obra de uma geração nem duas; muitas trabalharão para ela até perfazê-la de todo. (...) Devo acrescentar que neste ponto manifesta-se às vezes uma opinião, que tenho por errônea: é a que só reconhece espírito nacional nas obras que tratam de assunto local, doutrina que, a ser exata, limitaria muito os cabedais da nossa literatura. (...) e perguntarei mais se o *Hamlet*, o *Otelo*, o *Júlio César*, a *Julietta e Romeu* têm alguma coisa com a história inglesa nem com o território britânico, e se, entretanto, Shakespeare não é, além de um gênio universal, um poeta essencialmente inglês" (18).

Obviamente, o vaticínio otimista de Machado de Assis — "muitas (gerações) trabalharão para ela até perfazê-la de todo" — não se realizou *de todo*, porém perdura como desafio, que a ruptura *modernista*, intensificada a partir da segunda década deste século, tomou vigorosamente como bandeira ideológica, que assinala a passagem da imagem de país jovem com sua rica *natureza americana*, da fase anterior, para a pré-consciência de que enfrentava, na república das letras, a condição de um *país subdesenvolvido*. Concepção que se fará consciente e será teorizada decênios mais tarde. Também o modernismo tem seu momento *dalém-mar*, pois no dizer emblemático de Paulo Prado (1924), no prefácio de *Pau Brasil*: "Oswald de Andrade, numa viagem a Paris, do alto de um ateliê da Place Clichy — umbigo do mundo — descobriu, *deslumbrado, a sua própria terra*" (o grifo é meu). Se toda identidade é contrastiva, é normal que assim tenha ocorrido, sobretudo em se tratando da tradição letrada brasileira. Amigos cordiais e adversários íntimos, Oswald de Andrade e Mário de Andrade desempenham o papel de prógonos, ou antes, de personalidades-síntese do movimento que atualizou a marca nacional num estilo cognitivo e estético.

Que "as luzes do saber dissipariam as trevas da ignorância" do nosso atraso, esse constitui um truismo tão banal que só uma fé ingênua como a da ilustração sentia necessidade de repeti-lo como uma litania. Que, porém, isso fosse tomado como premissa para a conclusão de que tal solução bastaria para assegurar o passo do atraso ao progresso, só uma ilusão iluminista e idealista poderia aceitá-lo. Ao rejeitar esse velho legado candidamente pedagógico, a vanguarda do novo movimento estético e de idéias via no acesso do país à modernidade o caminho da superação de nossas debilidades. Começava a tomar corpo nova utopia e nova e sofisticada mitologia da brasilidade. No meu entender, porém, o marco histórico que institui os inícios da modernidade ocidental acha-se no momento em que os romanos clássicos inventaram ou adotaram o dedal para que suas mulheres não furassem os dedos nas agulhas de coser. Que exato momento foi esse, que o estabeleçam ou datem aqueles que possuem melhores enciclopédias do que disponho. Mas sou forçado a reconhecer que, no plano das criações simbólicas e, em particular, nas literárias, isso começou para nós indubitavelmente ao redor da Semana de 22, ano em que muitas outras inovações também se instituíram.

Em Oswald de Andrade, o sentido da paródia antropofágica reside no fato de

18 *Obras Completas*. Organizada por Afrânio Coutinho. Vol. III: Poesias, Crítica, Crônica e Epistolário. Rio de Janeiro, Aguillar, 1973, pp. 801, 803-4.

comer o *outro* para realizar uma síntese mais forte, mais autêntica, menos dependente: auto-afirmação e originalidade pela desconstrução canibálica da colonização européia. Essa reinvenção da mitologia brasileira por um novo arranjo do imaginário ficcional e poético assumirá outras roupagens, como em Raul Bopp, em Cassiano Ricardo, em Plínio Salgado, e, por mutações sucessivas, será reaproveitada mais recentemente, por exemplo, num Antônio Callado do *Quarup* (1967) – cujo coronel Ibiratinga, em sua retórica guerreira e quiliástica, exige banhos de sangue para construir, com grandeza e dignidade, a nacionalidade brasileira –, ou na antropofagia concreta, mas também simbólica, de um João Ubaldo de *Viva o Povo Brasileiro* (1984).

Como em Alencar, havia em Mário de Andrade a mesma vontade de recensar o repertório de dados que comporiam uma panorâmica do homem brasileiro e da cultura nacional, porém com a diferença que, no primeiro, o trabalho analítico, o estudo da realidade básica termina por exprimir-se numa obra mais de ficção, enquanto que, no segundo, numa obra multiforme, seus estudos acerca de nossa produção artística, musical, literária e folclórica, assim como sua atuação e militância político-cultural ocupam espaço maior do que sua criação poética e ficcional, posto que a presença e o peso histórico do seu *Macunaíma* equilibrem a balança do seu desempenho. Na verdade, no conjunto dos modernismos, situado a meio caminho entre o ensaio e a ficção, este livro constitui o esforço mais bem sucedido para realizar a "descoberta" e a invenção do Brasil, num deliberado mosaico, fiel à realidade que configura em seus simbolismos rapsódicos.

Com o tempo, tanto sua vertente de esquerda quanto a de direita passaram da estética da ruptura para a técnica e a rotina, o ritual e a cerimônia; numa palavra, a tradição da analogia que tende a desembocar no culto restaurador da memória e do patrimônio, garante da cultura letrada pela gestação de paradigmas que inovam incorporando a gênese e perpetuando as posições de poder. Essa tradição da ruptura, que se metamorfoseia e se institui, nos vem pelo menos do projeto romântico, no imediato seguimento aos inícios da formação de um Estado nacional. Até hoje, um processo hesitante, apoiado num solo social que se caracteriza por diferenças assustadoras, por regimes políticos que assentam em dissonâncias gritantes; processo que se exprime em formas mentais que não conseguem ou não pretendem incorporar as suas entranhas.

Enfim, no domínio da literatura doutrinária, o prenúncio euclidiano (1902) antecipa este período da grande proliferação dos "retratos do Brasil" e dos seus célebres interpretadores. Num primeiro momento, estes ainda realizam a "descoberta" do Brasil com olhos, corações e mentes europeus, disputando a primazia de alguma das ideologias colonialistas e reforçando o sentimento comparativo de inferioridade. Todavia, novos arsenais teóricos aos poucos foram alterando e ampliando os quadros analíticos. Como quer que seja, mesmo renovando sua plumagem conceitual, o antigo debate sobre a "cultura brasileira" e o "caráter nacional" ressurgiu sempre de suas cinzas sem vislumbre de solução plausível. Sempre a mesma busca entre oposições dicotômicas: os males do presente e as esperanças do futuro, o Brasil real e o legal, o Brasil aparente e o Brasil profundo, o litoral e o sertão, o norte e o sul, o Brasil arcaico e o moderno, consciência ingênua e consciência crítica, o autêntico e o espúrio, etc. Na sua inconsistência, essa espécie de maniqueísmo intelectual, a despeito de algumas tentativas de síntese, tenta dar conta de nossa aporia ôntica, cultivando-a.

Como desvendar o enigma "Brasil"? O que somos nós realmente ou o que nos tornaremos? Onde encontraremos o caminho de uma justa construção nacional? Estas e outras questões do gênero só encontrarão alguma resposta no modo como for realizada a gestão do presente e do futuro imediato. Mas – a burla, o simulacro, o pastiche, a tragédia? – não sabemos verdadeiramente o que nos reserva o esforço para abrir essa nossa "boceta de Pandora", como dizia Machado de Assis... Afirmava o arguto criador de *The Innocence of Father Brown* (1911) que, quando desejava saber das novidades sobre o mundo contemporâneo, consultava o *Apocalypse* de João. Eu não iria tão longe na ironia amarga, mas para concluir, e já que falamos de sonho, convocaria como insígnia do meu argumento a epígrafe extraída da *Eneida* com que Freud inicia o seu *A Interpretação dos Sonhos* (1899):

"*Flectere si nequeo superos, Acheronta movebo*" (19).

19 Traduzo livremente: "Se não posso conciliar os deuses celestiais, moverei os infernais".